

A PARTE DOS CRÍTICOS DE 2666, DE ROBERTO BOLAÑO, COMO ANÁLISE DA GLOBALIZAÇÃO

Fábio Roberto Mariano¹

Resumo: Em sua tese de doutorado, *O Romance Monstruoso*, Antonio Xerxenesky apresenta a hipótese de que 2666, de Roberto Bolaño, é um romance que funciona a partir da paródia. “A Parte dos Críticos”, a primeira das cinco partes de 2666, se constrói, para Xerxenesky, sobre a ideia do *campus novel*, gênero consolidado no mundo anglófono. A partir deste pressuposto, esse artigo tem por objetivo investigar a natureza da apropriação feita por Bolaño dos dispositivos literários do *campus* ou *academic novel*, olhando para suas conceituações mais recentes e analisando os deslocamentos realizados pelo autor. A hipótese que se levanta é a de que, ao tematizar o meio universitário e colocar os professores universitários no centro do enredo, o autor tece considerações sobre a globalização de uma perspectiva do Sul global, sobretudo focando as hierarquias do conhecimento na estrutura global armada a partir do fim do século XX.

Palavras-chave: Roberto Bolaño; Campus novel; Academic novel; Literatura hispano-americana; Globalização.

Resumen: En su tesis doctoral, *La Novela Monstruosa*, Antonio Xerxenesky presenta la hipótesis de que 2666, de Roberto Bolaño, es una novela que trabaja desde la idea de parodia. *La Parte de los Críticos*, la primera de cinco partes de 2666, para Xerxenesky, está constituida en torno al *campus novel*, género consolidado en el mundo anglófono. Desde esta suposición, este artículo investiga la forma de apropiación que hace Bolaño de dispositivos literarios del *campus* o *academic novel*, mirando sus conceptualizaciones más recientes y analizando desplazamientos que el autor elige realizar. La hipótesis que se plantea es que, al tematizar el medio universitario y les poner a los profesores en el foco de la trama, el autor teje consideraciones acerca de la globalización desde una perspectiva del Sur global, enfatizando especialmente las jerarquías del saber en la estructura global creada al fin del siglo XX.

Palabras clave: Roberto Bolaño; Campus novel; Academic novel; Literatura hispano-americana; Globalização.

¹ Bacharel em Estudos Literários, mestre e doutorando em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa do Colégio Técnico de Campinas (COTUCA) da mesma universidade. E-mail: fabiomprofessor@gmail.com.

Em sua tese de doutorado, *O Romance Monstruoso: 2666, de Roberto Bolaño*, Antonio Xerxenesky levanta a hipótese de que a primeira parte que compõe essa obra, “A Parte dos Críticos”, seja uma paródia do gênero que se denomina *campus novel*.² A definição desse gênero vem sendo trabalhada, sobretudo nos últimos trinta anos, a partir de um imenso corpus focado nos Estados Unidos e na Inglaterra, com especial atenção à relação do gênero com questões específicas como as dinâmicas de poder (Rossen, 1993), a representação do feminino (Showalter, 2005), a mutilação corporal (Leuschner, 2006) e a localização social do professor universitário na classe média americana (Williams, 2012). A própria terminologia *campus novel* é objeto do debate crítico, que a substitui, no sentido que conviria adotar para a referência feita por Xerxenesky (2019, p. 2), por *academic novel*. Ao afirmar, portanto, que o gênero “quase não é tornado objeto de estudo de forma acadêmica” (Xerxenesky, 2019, p. 41), o autor da tese não leva em consideração um debate amplo e diverso que poderia contribuir para a hipótese que levanta.

Este artigo aprofunda a sugestão de Xerxenesky, propondo uma interpretação de “A Parte dos Críticos” de 2666 construída sobre três pilares. O primeiro deles é a apropriação feita por Bolaño do *academic novel*. Uma vez que a bibliografia crítica sobre o gênero se constitui majoritariamente em língua inglesa, é essa a tradição que se levará em consideração e como parâmetro de comparação aqui. O segundo pilar é a atenção que o autor dispensa ao desdobramento, na América Latina, de questões sociais relacionadas à globalização. No próprio 2666, pode-se apontar o crime organizado e a corrupção das instituições nacionais e internacionais; em outras obras suas, as redes internacionais de apoio entre os regimes ditatoriais, as comunidades de exilados (e sobretudo de exilados latino-americanos) e o espraiamento do fascismo para além da Europa são temas recorrentes. Por fim, o terceiro dos pilares é a justaposição entre a violência e o mundo do conhecimento e das artes típica do estilo do autor. Colocadas em tensão, essas três bases são utilizadas para propor uma leitura de Bolaño como romancista que adota uma perspectiva do Sul global. Dito de outra maneira, o que se busca é uma leitura de “A Parte dos Críticos” como *academic novel* subvertido e manipulado desde uma mirada crítica, permeado pela violência, e que expõe as contradições e as assimetrias da globalização.

² A ideia desse artigo surge a partir de discussões sobre o romance em encontros de estudos com Gabriel Morais Medeiros, pesquisador também do IEL-UNICAMP e especialista na obra de Roberto Bolaño, ao qual agradeço profundamente e ao qual devo o contato com parcela significativa da bibliografia aqui referida.

1. Romance acadêmico

Definida como objeto acadêmico de estudo pela primeira vez nos Estados Unidos por John O. Lyons em *The College Novel in America* (1962), a ideia de que os romances que tematizam a universidade e colocam no centro de seus enredos os envolvidos na vida da instituição traçou um longo caminho. A premissa de Lyons é a de que essa localização esteja na autoria: os autores das obras foram ou são professores ou alunos de alguma universidade. Autores posteriores, como Thelin (1988; 2009) e Kramer (1981; 2004) retomam a terminologia do *college novel*, mas deslocam o conceito da autoria para a tematização: os protagonistas, e não os autores, pertencem ao meio universitário nos estudos de ambos. Kramer não apenas estuda, mas cataloga os exemplares do gênero numa bibliografia anotada. Se com Lyons existe uma definição, as mais de seiscentas obras abordadas por Kramer em *The American College Novel* demonstram que há produção, nos EUA, para que se possa configurar um corpus significativo de estudo do gênero.

Uma nova geração de críticos mudará a terminologia de *college* para *campus* ou *academic novel*: trata-se de Rossen (1993), Showalter (2005), McGurl (2005, 2009), Leuschner (2006), Lodge (2008), Williams (2012) e Antène (2015). Showalter (2005, p. 1-4) trata ambos como intercambiáveis. Williams (2012), entretanto, estabelece uma inovação importante ao separar o *campus* do *academic novel*. Partindo do mesmo corte temporal que esse conjunto de autores, o marco do início do gênero nos anos 1950, Williams (2012) separa o *campus novel*, aquele que representa os alunos, do *academic novel*, que enfoca professores e administradores universitários; os *fifties* são, para ele, o momento em que a representação de alunos na ficção declina e a de docentes e administradores toma seu lugar, o que significa, também, uma mudança nos eixos temáticos.³ Consolida-se, assim, o foco nos romances protagonizados por docentes, reitores e chefes de departamento. Os primeiros são, de fato, os personagens de “A Parte dos Críticos” de 2666, de Bolaño.

O estabelecimento das profissões dos personagens, entretanto, não é o suficiente para que uma obra se configure como *academic novel*. Enquanto Lodge (2008, p. 3) destaca a importância da unidade espacial do campus, Showalter (2005, p. 3) aponta que “os romances acadêmicos operam sobre um conjunto de convenções, temas, tropos e valores.” A princípio, seria fácil pensar que o critério de Lodge está ausente no romance de Bolaño. Não é possível estabelecer um espaço físico único no qual a ação de “A Parte dos Críticos” se desenvolve, e mesmo os *campi* que aparecem não são desenhados em linhas claras: as uni-

³ Não caberia esmiuçar, nesse artigo, os desenvolvimentos específicos de cada autor; vale, no entanto, sinalizar que, no geral, eles estabelecem a ligação entre as leis, nos EUA e na Inglaterra, que garantem o acesso à universidade aos veteranos de guerra como fato social que engendrará a expansão universitária nos dois países, expansão essa que ocorre tanto em termos numéricos quanto em termos de classe, gênero e raça.

versidades nas quais cada um dos protagonistas realiza sua trajetória não são descritas em profundidade; as comunidades locais nas quais estão inseridos não estão no primeiro plano; a política intradepartamental é, para suas carreiras, irrelevante. Qualquer sinal de um espaço que tenha delimitação física está descartado. Conseguimos observar, contudo, os tropos, temas convenções e valores colocados por Showalter, sobretudo através do dispositivo dos congressos. Se não há um espaço físico, há um ambiente de trabalho claramente colocado. Os críticos não travam disputas com seus chefes de departamento ou os presidentes de suas universidades, mas têm suas “batalhas” com os outros especialistas em Archimboldi colocadas em primeiro plano. É através delas que desenvolvem suas relações profissionais e pessoais e, sobretudo, é através delas que são caracterizados enquanto acadêmicos. Há uma opção por caracterizar a profissão não pelas experiências da pesquisa e da sala de aula (embora elas estejam, também, representadas), mas sim pela participação nos congressos. Bolaño demarca seus protagonistas como acadêmicos não a partir do espaço de uma universidade, mas sim da presença no espaço compartilhado, internacional e descentralizado dos congressos acadêmicos.

A colocação de Showalter sugere não apenas uma caracterização do gênero, mas uma chave de leitura. Permite-nos conjecturar a delimitação de uma fronteira entre um romance em que o personagem principal é um docente universitário de um *romance acadêmico* de fato. Se fazemos essa distinção, “É porque os gêneros existem como instituição que funcionam como ‘horizontes de expectativa’ para os leitores, como ‘modelos de escritura’ para os autores.” (Todorov, 1980, p. 49). Ao alinhar a institucionalização do gênero (demonstrada acima) ao conceito de *horizonte de expectativa*, de Jauss (1994), Todorov muda o olhar que se lança para a breve afirmação de Showalter. Partindo-se do princípio de que o público leitor que admitimos aqui é um público amplo, ou seja, que não compartilha do dia a dia dessas instituições (tal como um romance que tematiza a vida militar não é lido apenas por pessoas que pertencem a um exército), o que pode ser levantado como constituinte das expectativas que se colocam no horizonte? O que proponho é uma observação dessas expectativas focando a ideia da existência de uma *demarcação de uma fronteira* entre os mundos interior e exterior à universidade como dispositivo ficcional. Isso permite levantar perguntas sobre como Bolaño levaria essa demarcação a cabo em “A Parte dos Críticos” de 2666 e quais as consequências interpretativas das opções que ele faz.

2. Demarcando a fronteira

Mais que qualquer outra atividade acadêmica, é a participação em congressos o que caracteriza Liz Norton, Piero Morini, Jean-Claude Pelletier e Manuel

Espinoza como docentes acadêmicos. O fato de que esses críticos se debrucem sobre a obra de Benno von Archimboldi, um autor vivo, mas recluso, coloca a tensão do dentro-fora da academia de maneira peculiar, uma vez que posiciona o autor fora do ambiente no qual circulam os críticos. Isso ocorre num contexto em que escritores de sucesso são convidados por universidades nas condições de artista residente, professores de escrita criativa, ou simplesmente para eventos como palestras e congressos. Os quatro estudiosos, desse modo, tudo sabem sobre Archimboldi, menos aquilo que mais desejariam saber: quem é de fato. O conhecimento acadêmico não lhes basta para resolver esse mistério, porque ele está para além da fronteira.

Outra maneira de ver o mundo exterior é olhar para a representação dos dispositivos que se encontram fisicamente fora das universidades, mas que são fundamentais para o enredo: os hotéis, restaurantes e mesmo as casas em que ocorrem os encontros dos personagens. Se o mundo acadêmico é desenhado através das cenas dos congressos, o mundo exterior é delimitado sobretudo pelo signo do *turismo*, que vai sendo construído gradualmente, a partir do mote do encontro inicial dos quatro personagens, até ser levado às últimas consequências na porção final de “A Parte dos Críticos”, quando decidem viajar para o México em busca de uma pista do paradeiro de Archimboldi. O fato de poderem fazê-lo – e de poderem, de qualquer modo, viajar com facilidade e desimpedidos – tem que ver com o estado global das coisas. Afinal, os quatro protagonistas são cidadãos da classe média-alta europeia nos anos fundamentais de estruturação da globalização tal como compreendida no século XXI; a descrição dos primeiros encontros entre eles se dá, inclusive, com algumas menções aparentemente casuais de Bolaño ao fato:

Antes, Pelletier y Morini se habían conocido durante las jornadas de literatura alemana celebradas em Leipzig em 1989, *cuando la DDR estaba agonizando*, y luego volvieron a verse em el simposio de literatura alemana celebrado em Mannheim em diciembre de ese mismo año (y que fue un desastre, con malos hoteles, mala comida y pésima organización). En el encuentro de literatura alemana moderna, celebrado en Zurich em 1990, Pelletier y Morini coincidieron con Espinoza. Espinoza volvió a ver Pelletier em *el balance de literatura europea del siglo XX celebrado em Maastricht em 1991* [...]. (Bolaño, 2017, p. 23. Grifos nossos.)

A agonia da DDR, referência clara a um dos grandes eventos, se não o grande evento, que inaugura uma nova ordem mundial e decreta o fim da guerra fria, vem seguida, logo adiante, de um balanço da literatura europeia do século XX que acontece em 1991 – ano da dissolução da URSS, outro ano/fato fundamental nessa transição de ordens. A formulação da frase nos permite, com algu-

ma imaginação, pensar que o século XX estava terminado e que, portanto, era momento de fazer seu balanço (literário, no caso específico desses acadêmicos). Entre esses dois eventos, há a menção ao simpósio realizado em Mannheim na qual os universos do turismo (a comida e o hotel) e os da academia (a organização) se misturam no mesmo “desastre” de qualidade. Tênuo no princípio, a fronteira entre os dois mundos vai se desenhando conforme passam a abundar as cenas de encontros nos restaurantes e nos hotéis, até que, enfim, progressivamente, as viagens em busca do paradeiro de Archimboldi passem a guiar, cada vez mais, os deslocamentos do grupo, o que culmina na viagem ao México.

O mundo exterior à academia vai se materializando, assim, a partir de dois elementos entrelaçados, Archimboldi e o turismo, o segundo em função do primeiro. Desenvolvem-se, também, em função dos desdobramentos próprios da vida pessoal do grupo: as relações amorosas desenvolvidas entre Pelletier, Espinoza e Norton e, posteriormente, entre Norton e Morini. Movimentando-se através da Europa (e, depois em direção ao México) sem nenhuma dificuldade, nada se interpõe a seus deslocamentos. Isso revela suas posições num determinado arranjo de coisas:

No mundo do pós-guerra espacial, a mobilidade tornou-se o fator de estratificação mais poderoso e mais cobiçado, a matéria de que são feitas e refeitas diariamente as novas hierarquias sociais, políticas, econômicas e culturais em escala cada vez mais mundial. (Bauman, 1999, p. 16).

O estabelecimento de sua trajetória como turistas – e como turistas cada vez menos conectados a um trabalho acadêmico e mais a uma pesquisa pessoal – coloca os quatro críticos claramente como membros de uma classe média-alta europeia. Mais do que uma afirmação sobre as possibilidades financeiras e materiais do grupo, essa condição denota exatamente a sua mobilidade – que, para além das despesas óbvias de passagens aéreas, hotéis, alimentação, etc., não precisa ser paga, comprada ou conquistada. No arranjo assimétrico da globalização, há pessoas que, de saída, são “mais móveis” que outras – e que, ademais, podem se deslocar entre as diferentes porções do espaço, com suas diferentes características, quase sem ruídos. Bolaño vai removendo gradualmente a marca estritamente profissional das viagens e conduzindo, ao longo da narrativa dos quatro acadêmicos, o deslocamento do mundo universitário ao seu exterior.

Mas o que implica a condição de turista, para além do dispositivo da viagem, ou dos ambientes característicos – o hotel, os meios de transporte, os restaurantes? Bauman (1999, p. 95) explica isso contrapondo-a à condição do refugiado:

A extensão ao longo da qual os de “classe alta” e os de “classe

baixa” se situam numa sociedade de consumo é o seu grau de *mobilidade* – sua liberdade de escolher onde estar. [...] os que vivem no ‘alto’ estão satisfeitos de viajar pela vida seguindo os desejos do seu coração, podendo escolher seu destino de acordo com as alegrias que oferecem. Os de “baixo” volta e meia são expulsos do lugar em que gostariam de ficar. (Em 1975 havia 2 milhões de emigrantes sob os cuidados do Alto Comissariado da ONU para refugiados. Em 1995 esse total tinha subido para 27 milhões.) Se eles não se retiram, o lugar muitas vezes é puxado como um tapete sob seus pés, de modo que é como se estivessem de qualquer forma se mudando. [...] Podem ocupar um lugar extremamente pouco atraente que abandonariam de bom grado – mas não têm nenhum outro lugar para ir, uma vez que provavelmente em nenhum outro lugar serão bem recebidos e autorizados a armar sua tenda.

A contraposição faz lembrar que, para o turista, é sempre possível o retorno à casa – e à segurança. Se podem empreender uma busca de longas distâncias e se distanciar de seus trabalhos, é porque esses acadêmicos têm para onde voltar, e sabem que sua volta significará um retorno à normalidade e à estabilidade. Mais que isso, sua condição privilegiada de turistas passa pelo acesso não à cidade em si na qual estão localizados, mas a um mapa muito específico dentro dela, pautado pela ideia de segurança e mediado por uma relação que já não é a de cotidiano, de convívio. Paralelamente ao desenvolvimento dessa figura do turista na globalização, Bauman (1999, p. 55) também descreve uma organização urbana segregada, a partir da premissa do “inimigo interior”; “Os muros construídos outrora em volta da cidade cruzam agora a própria cidade em inúmeras direções.” O turista da virada do século XX para o XXI não é, pois, apenas alguém dotado de mobilidade internacional, mas alguém capaz de se mover, mesmo nos locais para onde viaja, apenas nos espaços que são, a princípio, seguros. É importante lembrar que esses espaços seguros não são impermeáveis; não se afirma, aqui, que o turista se move sempre com segurança, assim, como as classes mais altas não se movem apenas com segurança. Trata-se de um mapeamento dos espaços como seguros e não-seguros, os segundos devendo ser evitados pelos membros das classes privilegiadas:

Na China contemporânea, os novos-ricos construíram comunidades isoladas de acordo com o modelo idealizado de uma cidade ocidental “típica”; perto de Xangai, por exemplo, há uma réplica “real” de uma cidadezinha inglesa, com uma rua principal, *pubs* uma igreja anglicana, um supermercado Sainsbury etc.; a área toda é isolada das cercanias por uma redoma invisível, mas nem por isso menos real. Não há mais hierarquia de grupos sociais dentro da mesma nação: os moradores dessa cidade vivem num universo em que, em seu imaginário ideológico, o mundo circundante da “classe baixa” simplesmente não existe. Os

“cidadãos globais” dessas áreas isoladas não seriam o verdadeiro contraponto dos que moram em favelas e outras “manchas brancas” ou “lacunas” da esfera pública? Na verdade, eles são os dois lados da mesma moeda, os dois extremos da nova divisão de classes. A cidade que melhor personifica essa divisão é São Paulo, no Brasil de Lula, que ostenta 250 helipontos em sua área central. Para evitar o perigo de se misturar com gente comum, os ricos de São Paulo preferem utilizar helicópteros, de modo que, olhando para o céu da cidade, temos realmente a impressão de estar numa megalópole futurista do tipo que se vê em filmes como *Blade Runner* ou *O quinto elemento*, as pessoas comuns enxameando as perigosas ruas lá embaixo e os ricos flutuando num nível mais alto, no céu. (Žižek, 2011, p. 18).

Por isso, talvez, o turista será visto como alguém que não circula, de fato, pelo lugar onde está, mas por um “lugar-sem-lugar (literalmente a “utopia”) do espaço mediano, espaço limiar, entre-espaço – o espaço da própria viagem, a abstração industrial do aeroporto, ou a dimensão maquinal do avião ou do ônibus.” (Bey, 2014). A fundo, o espaço no qual se deslocam os quatro críticos – um espaço idealmente seguro – é o espaço de sua busca por Archimboldi. Não os interessa em especial o que este ou aquele lugar tenha, ainda que se possa notar a qualidade da comida, da moradia, etc. O que interessa é o quanto esse espaço está perto de seu objeto de desejo final – enquanto vão se desenvolvendo, paralelamente, os episódios do desejo sexual do triângulo amoroso Espinoza-Norton-Pelletier. Do mesmo modo, cada pessoa encontrada é um instrumento para a busca que, ao fim e ao cabo, é frustrada. Para explicar a impossibilidade de encontrar Archimboldi, é possível postular a hipótese de que o espaço no qual ele se move não está apenas fora da academia, mas também fora da esfera segura do turismo; ele é, assim, invisível para aqueles que nela permanecem. Bey, contrapondo à figura do turista a do dervixe como o viajante capaz de ter uma experiência real do lugar para onde vai, oferece uma possibilidade de conceituação:

Eu penso na viagem como fractal em sua natureza. Ela tem seu lugar fora do mapa como texto, fora do consenso oficial, como aqueles padrões escondidos e encravados que se aninham dentro das infinitas bifurcações das equações não-lineares, no estranho mundo da matemática do caos. Em verdade, o mundo não foi completamente mapeado, porque as pessoas e suas vidas cotidianas foram excluídas do mapa, ou tratadas como “estatística sem rosto”, ou esquecidas. Nas dimensões fractais da realidade não-oficial todos os seres humanos – e até vários grandes lugares – continuam únicos e diferentes. (Bey, 2014).

Nas últimas páginas de “A Parte dos Críticos”, no entanto, Pelletier, Espinoza e Norton vão se aproximando das “dimensões fractais”, das pessoas tra-

tadas como “estatísticas sem rosto”. Na última página da parte (p. 207), Pelletier afirma categoricamente que sabe que Archimboldi está lá, mas que eles nunca poderão encontrá-lo. Podemos pensar, com Bey, que é exatamente nessa “matemática do caos” onde a realidade não oficial mantém os seres humanos e lugares únicos e diferentes é exatamente onde Archimboldi está localizado. Liz Norton se recusa a entrar nessa região, Pelletier e Espinoza desistem de se aprofundar nela, e Morini, aquele que pela idade e pela condição física é o mais vulnerável numa situação de insegurança, nem mesmo viaja. Mas não seria exatamente ali onde deveriam estar, ou ali que sua atividade deveria chegar? Se a fronteira entre o mundo interno e o externo à universidade é traçada através do signo do turismo, podemos vê-la, agora, com mais clareza: os espaços turísticos são de fato *a fronteira* entre os dois mundos, o lugar onde eles se tocam – e esse lugar é o não-espaço, o lugar-sem-lugar. O mundo exterior, sempre muito maior que o universitário, obviamente, não é constituído de sua fronteira; é em suas profundezas, cujo acesso não pode ser mediado pelo dinheiro do consumo-turismo, mas pelas relações individuais, que os críticos se recusam a entrar.

3. As recusas enfáticas de Morini e Norton

Morini, como já estabelecemos, recusa a viagem e não participa dela. Ao dar uma justificativa diferente para Norton da que ofereceu a Espinoza e Pelletier, prefigura uma espécie de descolamento da inglesa em relação a seus dois colegas-amantes, que será levado a cabo no plano da vida amorosa e também do engajamento na busca por Archimboldi no México. Afinal, desde o primeiro dia no destino – a noite que passaram na capital – ela opta por ficar no quarto enquanto *El Cerdo*, Pelletier e Espinoza buscam, no sistema do hotel, pelos nomes que se haviam hospedado ali na data em que supostamente Archimboldi estivera. Enquanto os espera, assiste a um desentendimento entre um taxista e os seguranças do hotel que, aos poucos, vai se transformando, num *crescendo*, em uma cena violenta. Norton pensa em descer, mas acompanha-a de longe, prefere ficar no quarto. Enquanto isso, *El Cerdo* explica a Pelletier e Espinoza a guerra que há entre os taxistas e os porteiros dos hotéis.

A cena pode ser lida como um duplo de uma cena anterior, na qual os elementos violência, táxi, Pelletier e Espinoza são combinados de maneira diversa. Ela ocorre num momento chave da relação entre Norton, Pelletier e Espinoza, o momento no qual estes são confrontados pela inglesa sobre se sentiam ciúmes, o que leva a uma discussão que, progressivamente, vai se transformando em alegria. Naquele momento, a ligação dos três ofusca qualquer outro amante; Bolaño diz que “bebieron más de la cuenta, felices como niños, hablando de los celos y de las funestas consecuencias de éstos [...] Para no mencionar la dulzura y las he-

ridas abiertas que, em ocasiones, y bajo ciertas miradas, son golosinas” (p. 101). A situação ocorre depois de idas e vindas das relações de Norton com Pelletier e Espinoza; das conversas entre os dois homens; do fato de lhe terem dito que, em algum momento, ela teria que fazer uma escolha; do posterior afastamento de Liz dos dois, seguido pelo início de uma relação com um inglês, Alex Pritchard; do confronto verbal entre Espinoza e Pelletier, de um lado, e Pritchard, do outro; e, por fim, da reaproximação entre Norton e os dois. É o momento, portanto, no qual fica desenhada de maneira mais clara a possibilidade de um *ménage à trois* e, mais que isso, a do estabelecimento de fato de uma relação a três; ali, os três tomam um táxi em direção à casa de Norton. O que se segue, em uma página e meia é uma escalada muito veloz de violência (p. 102-103). Norton corrige o taxista paquistanês, que parece estar perdido e diz que Londres é um labirinto; Espinoza levanta uma discussão literária dizendo que o taxista havia citado Borges; o taxista intervém afirmando sua ignorância da literatura, mas, em contrapartida, seu conhecimento moral, que o permite ver que a passageira é uma puta e que os passageiros são cafetões; e, por fim, depois de alguma demora para compreender o que havia acontecido, os passageiros pedem que o taxista pare o veículo e Espinoza arranca o taxista do carro e, ganhando a ajuda de Pelletier depois, espanca e chutes o taxista, deixando-o inconsciente enquanto Norton grita e implora que parem.

As cenas não são simétricas, e sim variações sobre um mesmo tema. Há, ainda, um tema latente, a união e a separação dos amantes – e Bolaño faz questão de explicitá-lo na cena de Londres ao dizer que:

Cuando cesaron de patearlo permanecieron unos segundos sumidos en la quietud más extraña de sus vidas. Era como si, por fin, hubieran hecho el *ménage à trois* con el que tanto habían fantaseado.

Pelletier se sentía como si se hubiera corrido. Lo mismo, con algunas diferencias y matices, Espinoza. Norton, que los miraba sin verlos en la oscuridad, parecía haber experimentado un orgasmo múltiple. [...] Sentían la piel tersa, suavísima al tacto, aunque en realidad los tres estaban sudando. (Bolaño, 2017, p. 103).

Assim, se o espancamento do taxista paquistanês em Londres é a realização do gozo, a entrevero no México é marcada pela apatia de Norton. Em Londres, o *ménage* acontece simbolicamente, e seus efeitos físicos são descritos em detalhes; a violência ocupa o lugar do ato sexual e é experimentada pelos três: Espinoza e Pelletier como perpetradores, Norton como *voyeur*. Na Cidade do México, novamente ela está na posição de *voyeur*, mas já não há nada de interessante para se ver, não há gozo possível. Pelletier e Espinoza ouvem com pou-

co interesse à explicação de *El Cerdo*. E, mais que isso, ali a violência parece ser controlada, perpetrada como parte de uma espécie de dança ou pacto, ao fim do qual o dinheiro resolverá tudo e o taxista sairá de lá. Em Londres, isso não estava garantido; também é o dinheiro o que dispara a ira de Espinoza (é ao ser informado pelo taxista do montante devido pela corrida que sua ira é disparada), mas a possibilidade de assassinato está no horizonte. Combinando os mesmos elementos, Bolaño faz ecoar o orgasmo anterior de Liz, a ligação compartilhada pelos três. No México, mais adiante (já em Santa Teresa) o *ménage* finalmente acontecerá numa descrição absolutamente apática, descrito por quatro linhas diluídas num período composto por várias orações sequenciadas cujo assunto principal não parece ser o ato sexual, mas a insônia de Liz Norton diante de um e-mail que recebera de Morini e que fala de trivialidades.

A aparente apatia da inglesa é diante de Pelletier e Espinoza. Em relação à cidade de Santa Teresa, ela muito rapidamente sente repulsa. Primeiro, sente que “*algo raro, que escapaba a su comprensión, estaba pasando*” (p. 151), mas direciona isso a todos os antecedentes da viagem (inclusive a negativa de Morini em acompanhá-los). Em seguida, Norton pensa “*tengo que marcharme de aquí*” (p. 154); “*Tengo que huir*” (p. 155). Quando fica claro que a busca deu com os burros n’água e Amalfitano levanta a hipótese de que *El Cerdo* tenha mentido, Liz se desconecta completamente da viagem. É nesse momento que, sem dizer nada, chama Pelletier e Espinoza para fazer o esperado *ménage*; é nesse momento, também, que a figura de Morini cresce em sua consciência. Ela procederá a ouvir a história de *El Cerdo* novamente, fará perguntas, participará do evento que é realizado para eles na universidade e percorrerá a cidade de carro, e irá, por fim, a um churrasco oferecido pela universidade, depois do qual terá, assim como os outros dois críticos, um pesadelo. Não irá, no entanto com Pelletier e Espinoza ao circo onde havia um suposto alemão, e irá embora no dia seguinte a essa empreitada. Quando Espinoza propõe que passem essa última noite juntos, ela recusa. Havia encontrado seu limite. Embora tivesse, diferentemente de Morini, aceitado a viagem, não estava disposta a mergulhar no lugar onde Archimboldi supostamente poderia estar. Era uma turista, e uma turista incomodada com um lugar que lhe parecia apenas uma coisa: ameaçador. Retorna à Europa e escreve ao francês e ao espanhol, contando-lhes que havia iniciado uma relação com Morini. Diante de seu limite, Norton buscou o único que não se havia proposto a partir na *wild goose chase* empreendida pelos archimboldianos; voltou para a segurança (pessoal e acadêmica), e para o único, daquele grupo, que era incapaz – fisicamente – de realizar uma atrocidade como a que lhe fez ter um orgasmo múltiplo num táxi.

4. Espinoza e Pelletier olhando o abismo

No dia seguinte ao *ménage à trois*, os três críticos vão a um mercado local. Lá, Pelletier compra uma pequena figura de barro e, Espinoza, um tapete. Ambos escrevem a Morini e anunciam ao italiano que dali a um par de dias iriam embora, sinalizando a falha de sua empreitada em busca de Archimboldi. Quando Norton os comunica que irá embora, voltam a dizer que eles também iriam logo, em não mais que três dias. Mas quando voltam do aeroporto de Tucson (ao qual haviam levado Liz para pegar seu voo), ligam para Amalfitano e, quando esse lhes diz que estará muito rapidamente com eles, respondem que não têm pressa.

Esse é talvez o último corte do enredo de “A Parte dos Críticos”. Primeiro porque o trio que se desenhara a partir do triângulo amoroso efetivamente se desfaz com o deslocamento de Norton de volta para a Europa; mas também porque é o momento no qual Bolaño passará a adotar uma estratégia narrativa de montagem, que seguirá até o fim, entre a vida de Espinoza e Pelletier no México e a carta que ambos recebem de Liz Norton comunicando sua união amorosa com Morini. O narrador sinaliza esse corte da seguinte forma:

A partir de ese momento la realidad, para Pelletier y Espinoza, pareció rajarse como una escenografía de papel, y al caer dejó ver lo que había detrás: un paisaje humeante, como si alguien, tal vez un ángel, estuviera haciendo cientos de barbacoas para una multitud de seres invisibles. *Dejaron de levantarse temprano, dejaron de comer en el hotel, entre los turistas norteamericanos, y se trasladaron al centro de la ciudad, optando por locales oscuros para el desayuno (cerveza y chilaquiles picantes) y por locales con grandes ventanales en donde los camareros, sobre el vidrio, escribían con tinta blanca los platos del menú, para las comidas. Las cenas las hacían en cualquier parte.* (Bolaño, 2017, p. 179)

O momento no qual acontece a virada na narrativa (e que o narrador sinaliza com a metáfora do cenário de papel rachado) coincide com o momento em que Espinoza e Pelletier parecem se distanciar do turismo e se embrenhar, enfim, na cidade. Coincide, também, com a ida de Norton, como se, na realidade, fosse a relação com ela a última coisa que os prendesse à condição de turistas. É como se os dois críticos descobrissem a artificialidade daquilo que haviam compreendido como sua realidade nos meses que os levaram até ali: sua relação com Norton (e não a busca por Archimboldi e suas carreiras acadêmicas) eram como um cenário de papel. A reação, curiosamente, não é retornar à Europa e às suas respectivas universidades, mas sim se aprofundar no México e cruzar a fronteira turística. Desse modo, além de se distanciarem dos locais turísticos, os dois aceitam os convites do reitor da universidade de Santa Teresa para realizar um conjunto de conferências que culminou com o pagamento por elas e com uma ida a um bar

onde, finalmente, ouvem falar da onda de feminicídios que assola a cidade. A entrega de seus cheques marca o fim dos compromissos acadêmicos ali. Ao mesmo tempo, o contato com a realidade da cidade, a perfuração da carapaça turística, vem através da metonímia dos crimes. Pelletier e Espinoza já não podem mais ser, como até ali, professores viajantes, acadêmicos turistas. A viagem do turista, bem como o congresso internacional da universidade, tem uma data de encerramento. E essa data havia chegado para os dois.

A ação natural seria o retorno; mas não é isso o que acontece. Como prefigurado por sua compra no mercado, Pelletier encontrará na leitura a solução de seu impasse. A princípio, interessa-se pelos crimes da cidade e manifesta a Espinoza sua vontade de compreender o que acontecia na cidade e recorre aos jornais. Quando termina de lê-los é que recebe o e-mail de Norton. Tomando um banho enquanto seu olhar se perde, pensa, primeiro, que não está tão triste quanto havia imaginado; depois, que “todo eso es irreal” (p. 185). A partir dali sua leitura não mais se dirigirá à compreensão dos crimes da cidade, mas às três obras de Archimboldi que trouxera em sua mala, e que lê num ciclo sem fim, numa espécie de comportamento compulsivo, enquanto retorna, de modo exacerbado, à sua condição de turista: passa o tempo inteiro no hotel, aproveitando sua infraestrutura e dando gorjetas grandes aos funcionários, e sempre cumprimentando Espinoza. Afirma ao amigo, quando perguntado sobre se preparava um artigo, que em princípio sim, mas que naquele momento não. Isola-se, retornando sem retornar, ou buscando um resquício do retorno que não seja a tomada do avião, até o momento em que tem uma espécie de crise nervosa, manifestada num sonho. Tranca-se em seu quarto, em silêncio, olhando para o teto, deixando Espinoza preocupado quando este não o encontra em lugar nenhum. O espanhol bate à porta de Pelletier, que não responde, e em seguida pergunta no lobby do hotel se o francês havia saído, recebendo resposta negativa. Preocupado, Espinoza acha que o amigo pode ter morrido, e pede que abram a porta. Encontram deitado na cama e olhando para o teto um Pelletier que explica que estava sonhando e descreve seu sonho: ia *de férias* às ilhas gregas. Retornava, uma vez mais, à condição do turista.

A compra de Espinoza no mercado, um tapete, também prefigura seu destino, mas de maneira diversa. Quando Pelletier decide que quer ler para compreender os crimes que acontecem na cidade, ele volta ao mercado para conversar com a vendedora de tapetes, Rebeca, e, se sentindo mal por talvez lhe ter afastado os clientes, realiza uma grande e exagerada compra. A partir daí, inicia uma relação com ela que evoluirá gradativamente até o nível sexual e amoroso. Quando pergunta a Rebeca, depois da segunda vez em que fazem sexo no carro que alugara, o que sua família pensa dele, introduz-se um elemento de materia-

lização na ligação entre os dois, o estabelecimento de uma conexão *real*. No dia seguinte, o espanhol compra cinco tapetes. Rebeca entende aquilo como uma espécie de despedida, e pergunta se ele está indo embora do México, ao que ele responde, de maneira inconclusiva, que algum dia terá que ir. É nesse dia que acontece o sonho de Pelletier. Se aquela fora a reação do francês de retorno à condição de turista, a de Espinoza vem logo em seguida. Primeiro, ele faz da quantidade absurda de tapetes que comprara uma série de presentes aos funcionários do hotel (buscando manter o anonimato); depois, volta ao mercado e promete a Rebeca que voltará ao México, “*Y puede que entonces nos casemos y tú te vengas a Madrid conmigo.*” (p. 205). Os dois atos são, no fim, mediados pelo dinheiro e pelos privilégios; são, também, irreais, vazios, na medida em que os presentes que dá são produtos do próprio lugar e feitos pelas mãos do povo trabalhador (talvez os irmãos, mães, vizinhos dos funcionários do hotel) para os turistas; e que a promessa para Rebeca nem mesmo tem a força linguística de ser feita como realidade; a fundo, nenhum dos dois parece acreditar nas palavras ditas.

Assim como Pelletier, Espinoza retorna à condição de turista. Os dois amigos, em algum momento, decidem deslocar-se dessa condição e entrar em contato com a realidade mexicana, mas algo os distancia dela. Em sua conversa final, chegam à conclusão de que Archiboldi está ali, mas jamais seriam capazes de encontrá-lo. É como se, retornados à condição de turistas e preparados, ambos, para ir embora, tivessem que por um fim ao motivo de sua empreitada, dar-lhe um resultado; restabelecer-lhe a realidade e a segurança.

5. De volta à academia

Tendo percorrido as trajetórias dos críticos e sua recusa em abandonar a condição de turista, retornemos, agora, ao que nos levou a analisá-la de perto: o fato de Bolaño a desenhar, com os signos do turismo, a fronteira entre o interior e o exterior do mundo acadêmico. Coloca-se, pois, a questão: o que significam as recusas de Norton, Morini, Espinoza e Pelletier em termos das convenções e do horizonte de expectativas levantados pelo *academic novel*, e o que isso nos diz sobre os temas que o autor costuma trabalhar? Tomando de empréstimo uma outra formulação da pergunta e uma direção de resposta:

Why has Bolaño chosen the somewhat frivolous undertakings of a group of academics from the humanities, of European descent and professional status, as the staging ground from which his novel sets out to become a global odyssey? This question points to an atmosphere of depoliticization of academic labor and its ubiquitous camouflage, traversing the humanities during the 1990s. What masks itself, in one “world,” as humanistic competence and interpretive legitimacy in the realms of (institutionalized) higher thought is deconstructed

in an epistemic narration by a writer from the Hemispheric South. Bolaño, whose trajectory was marked by an erosion of his Chilean (national) “identity” and who, while living in Mexico, experienced the changing status of the Mexican-U.S. border dramatized by the implementation of NAFTA, connects with his last, posthumous novel different streams of deterritorialization. More pointedly, his writing from the Hemispheric South becomes invested in the concerns of the Global South to the extent that it “delinks” a central epistemic matrix of “northern” intellectual identity fashioning from being self-evident, turning a positive cosmopolitan identity—even in the parameters of postcolonial imagination—obsolete. (Herlinghaus, 2011, p. 107).⁴

A leitura proposta por Herlinghaus foca, por um lado, a noção de que o conhecimento desses acadêmicos é representado como uma espécie de técnica pura, que não os permite se conectar com a realidade; por outro, a ideia de desterritorialização. O enfoque adotado neste artigo se diferencia na medida em que propusemos, como centro desta leitura, a fronteira entre o mundo acadêmico e o mundo externo. Seguimos, no entanto, a proposta de Herlinghaus de que Bolaño seja um autor que escreve desde uma perspectiva do Sul Global, combinando-a à nossa que, lembremos, parte da levantada por Xerxenesky de que “A Parte dos Críticos” se constrói a partir das convenções de gênero do *academic novel*.

Se a fronteira entre o mundo acadêmico é delimitada a partir do turismo, é porque esses acadêmicos europeus vivem exatamente na fronteira, com sua atividade sendo definida sobretudo pelas suas viagens (para os congressos). O que chama a atenção para isso é a escolha de Bolaño de construir o enredo a partir do exagero dessas condições: o objeto de pesquisa, Benno von Archimboldi, se torna uma obsessão; os deslocamentos, que eram realizados para encontrar o restante da comunidade Archimboldiana e debater hipóteses, se transformam numa busca baseada não em interpretação e dados, mas num rumor. Assim como faz com as cenas envolvendo taxistas, Bolaño recombina os elementos constitutivos de sua narrativa, criando uma espécie de jogo de espelhos distorcidos ou de ecos assimé-

⁴ Porque é que Bolaño escolheu os empreendimentos um tanto frívolos de um grupo de acadêmicos das humanidades, de ascendência europeia e estatuto profissional, como palco a partir do qual o seu romance se propõe tornar-se numa odisseia global? Esta questão aponta para uma atmosfera de despolitização do trabalho acadêmico e da sua camuflagem omnipresente, que atravessou as humanidades durante a década de 1990. O que se mascara, num “mundo”, como competência humanística e legitimidade interpretativa nos domínios do pensamento superior (institucionalizado) é desconstruído numa narração epistêmica de um escritor do Hemisfério Sul. Bolaño, cuja trajetória foi marcada por uma erosão de sua “identidade” chilena (nacional) e que, enquanto vivia no México, experimentou a mudança de status da relação México-EUA, fronteira dramatizada pela implementação do NAFTA, conecta com seu último romance póstumo diferentes correntes de desterritorialização. Mais especificamente, a sua escrita do Sul Hemisférico investe nas preocupações do Sul Global na medida em que “desconecta” uma matriz epistêmica central da identidade intelectual do “Norte”, deixando de ser autoevidente, transformando-se em uma identidade cosmopolita positiva – até mesmo nos parâmetros da imaginação pós-colonial – obsoleta.

tricos. Num nível menor, o das cenas, isso não acontece apenas com as imagens de taxistas sofrendo violência: acontece com as compras de Pelletier e Espinoza no mercado, e acontece com os pesadelos que Norton, Pelletier e Espinoza têm na noite do churrasco ao qual vão a convite do reitor da universidade – que, de alguma forma, são comentários em relação ao que vão viver: a leitura, para Pelletier, os tapetes, para Espinoza, e a visão de um carvalho inglês, para Norton. Ao fazer isso, evidencia diferenças, fazendo com que seu leitor as materialize. No nível maior, o da construção do enredo que conecta as diversas cenas, Bolaño faz exatamente o mesmo: a visita ao pintor Edwin Johns ecoa, de modo distorcido, a busca por Archimboldi; as pequenas viagens para os congressos, com propósitos e datas muito fixos, ecoam a viagem para o México, com propósitos e datas movediças. Ao viajar ao México, os protagonistas se descolam da vida acadêmica, e o sinal disso é justamente a dissolução da fronteira que, na primeira metade de “A Parte dos Críticos”, ficara estabelecida. Turismo e congressos deixam de ser duas faces (a profissional e a pessoal) da vida dos que se dedicam à universidade.

Essa dissolução evidencia o status privilegiado desses críticos. Repetidamente, no México, eles são tratados como celebridades, autoridades máximas, e sempre que isso acontece, está explícito ou implícito o adjetivo *europeu*. Se podem se lançar nessa atividade é porque ocupam uma posição no mundo globalizado – a posição dos que possuem mobilidade. Podem prescindir do dinheiro porque suas condições de vida os tornam cidadãos ricos num país subdesenvolvido, ainda que pertençam à classe média europeia. Bolaño não precisa mencionar a desvalorização das moedas ou a assimetria de salários para as mesmas funções nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, mas escreve da perspectiva de alguém que conhece esses dados. A academia está, pois, bastante integrada à ideologia neoliberal da globalização, e reproduz, na sua lógica, as assimetrias do formato de processo de integração global levado a cabo nas últimas duas décadas do século XX.

A perspectiva de Bolaño traz, junto a essa, uma outra articulação dos fatos, que está justamente na recusa dos críticos a se imiscuir, de fato, na realidade mexicana. Quando aventam hipóteses sobre o motivo de Archimboldi ter ido ao México, colocam como primeira e mais fácil, ainda que mais descabelada, a de que ele tenha ido fazer turismo, “como tantos alemanes y europeos de la tercera edad.” (p. 142); o turismo e o adjetivo europeu novamente são justapostos. No entanto, ao desenhar outras hipóteses, levantam, entre outras, a possibilidade de que ele tenha ido ao México fazer pesquisa para um novo livro. Ali, os elementos para um crítico literário estão postos: o conhecimento da obra do escritor, a viagem a uma realidade que tem uma questão social muito aparente, a possibilidade de intercâmbio tanto entre os próprios críticos quanto com o colega da universi-

dade local. Pelletier se interessa pelos crimes por um único dia; Espinoza, nem isso. Quem parece sentir mais a questão – talvez justamente por se tratar de feminicídios e ser ela a única mulher do grupo – é Norton, que foge imediatamente. Na Itália, ela conversará com Morini sobre temas políticos, tanto quanto Pelletier e Espinoza, ao espancar o taxista paquistanês, evocam Salman Rushdie – mesmo sem gostar muito de sua literatura – e as feministas francesas. Não se trata, pois, de professores alienados, que são simplesmente incapazes de olhar para o mundo, mas sim de pessoas para quem sua atividade acadêmica não serve – ou não deveria servir – para interpretar uma região específica do mundo, aquela à qual se vai para fazer turismo na condição de riqueza relativa, e na qual não se deve ultrapassar a fronteira do hotel, dos restaurantes, dos presentes e das gorjetas.

Os professores universitários de Bolaño esbarram nas diferentes formas de violência: vão para uma região onde há feminicídios seriais, espancam um taxista quase até a morte e depois veem a violenta rivalidade entre taxistas e porteiros de hotel em Santa Teresa. Experimentam uma espécie de violência simbólica em seus congressos – descritos como disputas a partir de termos militares –, perpetrada através da palavra com os mais nobres motivos acadêmicos, e perpetram a violência física, sentindo-a como gozo sexual enquanto evocam temas acadêmicos. Justapondo o campo do conhecimento e da arte ao da violência, Bolaño cria, como costuma fazer em sua obra, uma tensão que desmistifica a ideia de nobreza *a priori* do que se cultiva, muitas vezes, como sendo o ápice do gênio humano. O que cria em “A Parte dos Críticos” é o acadêmico-turista. Se os professores universitários, especializados e dedicados por anos a um conjunto restrito de temas, deveriam ser capazes de ver o mundo através das lentes do que estudam, o que Pelletier, Espinoza e Norton fazem ao viajar ao México é ver, no mundo, apenas o seu tema, sua obsessão.

Estaria o autor alertando o mundo globalizado que a academia também teria um olhar assimétrico, e que a sua internacionalização trazia consigo o risco de, na verdade, ser apenas a expansão dos temas de pesquisa caros aos países centrais, cega aos problemas do Sul global mesmo quando eles estivessem diante de seus olhos? E não é exatamente essa cegueira que as epistemologias do Sul buscam superar? Bolaño, jogando com as convenções de um gênero que tematiza os próprios produtores do conhecimento, faz da epistemologia eurocêntrica o motor de um enredo. Se descaracteriza, ao longo das páginas, a própria atividade acadêmica, é para evidenciar que as assimetrias da globalização e as suas possibilidades perversas estão presentes, também, na economia global daquilo da produção e do estudo do conhecimento e da arte.

Referências

ANTÉNE, Petr. *Campus Novel Variations: A comparative study of an Anglo-American Genre*. Olomouc: Palacký University Olomouc, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BEY, Hakim. Superando o Turismo. *Revista Carbono*, Imagens de Michael Hughes, Rio de Janeiro, v. 8, outono 2014. Disponível em: <http://revistacarbono.com/artigos/08-hakimbey-michaelhughes/>.

BOLAÑO, Roberto. 2666. Nueva York: Vintage Español, 2017.

HERLINGHAUS, Hermann. Placebo Intellectuals in the Wake of Cosmopolitanism: A "Pharmacological" Approach to Roberto Bolaño's novel 2666. *The Global South*, v. 5, n. 1, p. 101-119, 2011.

JAUSS, Hans-Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. Ática: São Paulo, 1994.

KRAMER, John E. *The American College Novel: an Annotated Bibliography*. Lanham, Maryland: Scarecrow Press, 2004.

LEUSCHNER, Eric. Body Damage: Dis-figuring the Academic in Academic Fiction. *The Review of Education, Pedagogy, and Cultural Studies*, v. 28, n. 3-4, p. 339-354, 2006.

LODGE, David. Nabokov and the Campus Novel. *Cycnos*, v. 24, n. 1, 2008.

LYONS, John. O. *The college novel in America*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1962.

MCGURL, Mark. The Program Era: Pluralisms of Postwar American Fiction. *Critical Inquiry*, v. 32, n. 1, 2005. p. 102-129.

ROSSEN, Janice. *The university in modern fiction: When power is academic*. New York: St. Martin's Martin's Press, 1993.

SHOWALTER, Elaine. *Faculty Towers: The Academic Novel and Its Discontents*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.

THELIN John R; ANDERSON, Christian K. Campus Life Revealed: Tracking Down the Rich Resources of American Collegiate Fiction. *The Journal of Higher Education*, v. 80, n. 1, jan./feb., 2009, p. 106-113.

THELIN, John. R; TOWNSEND, Barbara. K. Fiction to fact: College novels and the study of higher education. In: SMART, J. C. (Ed.). *Higher Education: Handbook of Theory and Research*. v. IV. New York: Agathon Press, 1988. p. 183-211.

TODOROV, Tzvetan. *Os Gêneros do Discurso*. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

WILLIAMS, Jeffrey J. The Rise of the Academic Novel. *American Literary History*, v. 24, n. 3, p. 561-589, 2012.

XERXENESKY, Antônio Carlos Silveira. *O Romance Monstruoso: 2666, de Roberto Bolaño*. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, São Paulo, 2019. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-28052019-113648/publico/2019_AntonioCarlosSilveiraXerxenesky_VCorr.pdf. Acesso em 10 jan. 2023.

